Os mortos do Instituto em 1940

DR. JOSÉ ANTÔNIO DE ABREU FIALHO. — Falecido a 19 de Março. Era sócio correspondente do Instituto desde 4 de Março de 1915.

Natural de Aracajú, era filho de Tito Abreu Fialho e D. Maria-José de Abreu Fialho, tendo nascido a 20 de Janeiro de 1874.

Bacharel em ciências e letras pelo Colégio Pedro II, em 1891, doutorcu-se em medicina, pela Faculdade do Rio, a 16 de Janeiro de 1897.

Professor substituto e catedrático de clínica oftalmológica daquela Faculdade, era uma das maiores autoridades nessa ciência, tendo-se especializado em viagens à Europa, notadamente à Alemanha, onde o seu nome despertava respeito nos meios cultos.

Em 1907 representou o Brasil no 1.º Congresso Internacional de Higiene e Demografia, de Berlim. De 1927 a 1930 foi diretor da Faculdade de Medicina. Presidente e fundador da Sociedade Brasileira de Oftalmologia, membro honorário do Instituto Médico de Sucre, da Associação Médica Argentina, da Sociedade Médica de Petrópolis, do Centro Odontológico Mineiro e da Sociedade Odontológica de Belo-Horizonte, sócio correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São-Paulo, da Sociedade de Oftalmologia de Viena, da Sociedade Médica dos Hospitais da Baía, do American College of Surgeons, do Instituto Histórico e Geográfico de Cergipe, efetivo do Instituto Brasileiro de Ciências, de que foi presidente, como o fora da Sociedade Brasileira de Cultura Alemã e do Centro Cergipano do Rio-de-Janeiro, fundador do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, comendador da Real Ordem da Estrela da Romênia, o Dr. Abreu Fia-

lho deixou mais de uma centena de trabalhos científicos e literários, dos quais os primeiros foram: *A Oculística perante a Patologia*, tese de doutoramento; *Anatomia e Fisiologia da nutrição ocular*, tese de concurso; *Anomalias congênitas do aparelho visual*, memória apresentada à Academia Nacional de Medicina; *Ueber eine ansgedehnte luetische — Erkrankung des Anges nit Witbebatheiligung der Conjunctiva*. Colaborou assiduamente em inúmeras revistas nacionais e do estrangeiro, sendo a sua obra capital o *Tratado de Oftalmologia*, em dois volumes.

DR. JOÃO DA SILVA CAMPOS. — Falecido a 4 de Junho, na cidade do Salvador, Baía, nascera a 27 de Janeiro de 1880, na freguesia de Oliveira-dos-Campinhos, município de Santo-Amaro, filho do Dr. Hermenegildo Lopes de Campos (médico) e D. Maria Virgínia da Silva Campos.

Feitos os estudos secundários no Liceu Baiano, ingressou na Escola Politécnica do seu estado, pela qual se diplomou engenheiro geógrafo a 17 de Maio de 1905, seguindo, logo depois, com destino a Manaus, onde esteve o resto do ano e parte do seguinte, como engenheiro do estado. De 10 de Setembro a 31 de Dezembro de 1911, esteve como ajudante da Comissão Fiscal da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, passando, em 1.º de Janeiro de 1912, a exercer o cargo de engenheiro fiscal de 2.ª classe da Inspetoria Federal de Estradas de Ferro, sendo promovido a 1.ª classe em 23 de Junho de 1913.

A «20 de Janeiro de 1916 reassumiu o cargo de chefe da Primeira Fiscalização de Estradas de Ferro Federais, com sede em Porto-Velho, chefia que deixou em 29 de Setembro de 1920, para novamente assumir, em 24 de Maio de 1921, a da Sétima Fiscalização. Viveu, pois, durante longo tempo, ausente de sua terra natal: — na Amazônia, no Rio-Grande do Norte, no Espírito-Santo, em Minas-Gerais. Nestas viagens observava e investigava, sincera e minudentemente, as coisas de antanho, assimilando, assombrosa e apaixonadamente, pelos vales da lenda, tanto a sua história como a sua tradição. Foi o folclorista baiano por excelência».

Portaria de 25 de Maio de 1928 removeu-o para o 2.º

Distrito de Fiscalização de Estradas de Ferro, com sede na Baía. Em 25 de Fevereiro de 1931 foi nomeado para exercer, em comissão, as funções do cargo de chefe da 3.ª Fiscalização. Designado, em 13 de Junho daquele ano, para presidente da comissão extraordinária incumbida de «proceder à revisão das medições de trabalhos já executados e ainda não pagos, na Rede de Viação Baiana e na Estrada de Ferro Baía-Minas». Em 18 de Novembro de 1931 passou ao seu substituto a chefia da 3.ª Fiscalização, indo para a Baía, onde, a 23 de Maio de 1932, recebeu designação para chefiar a fiscalização da construção do prolongamento da estrada de ferro de Areia-Branca a Mossoró, sendo que, em 19 de Dezembro do referido ano, foi mandado servir, novamente, no 2.º Distrito, na Baía, ficando, em 21 de Agosto de 1934, encarregado do expediente do Distrito.

Publicou: "Contos e Fábulas Populares da Baía", obra que, em colaboração com Basílio de Magalhãis, foi editada, sob o título de "O Folclore no Brasil", recentemente aparecida em nova edição: "Tradições Baianas", "A Música da Polícia da Baía", "As Tradições do Sul da Baía", "Crônicas Baianas do Século XIX", "Dúvida que se dissipa", "Os mistérios subterrâneos da Baía", "A voz dos campanários baianos". Pelo Museu da Baía foi publicado um seu livro póstumo, "Procissões Tradicionais da Baía", tendo ainda prontos para publicar: "Cantos e Rimas Populares da Baía", "O preconceito regional do folclore brasileiro", "Balangandãs (notas folclorianas)" e "O Paço do Saldanha".

Faleceu como engenheiro da classe N, quadro I, do Ministério da Viação, a que foi promovido por decreto de 22 de Abril de 1939.

(Estas notas foram extraidas ou baseadas no excelente prefácio das "Procissões Tradicionais da Baía", escrito pelo Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha.)

O Dr. João da Silva Campos era sócio correspondente do Instituto do Ceará desde 20 de Junho de 1936, por proposta do Sr. Dr. Pompeu Sobrinho.

DOM JOAQUIM FERREIRA DE MELO. — Bispo de Pelotas, aí falecido a 22 de Setembro.

Nasceu no Crato a 31 de Agosto de 1873, ordenando-se no tradicional Seminário de Olinda e vindo logo depois

para a terra natal, onde vigariou as paróquias de Tauá, Flores, Arneiroz e Cococí.

Professor emérito, exerceu o magistério no "Ginásio São-José", da Serra-do-Estevão, e fundou o "Ginásio do Crato", onde foi lente de português.

Vigário Geral da Arquidiocese da Fortaleza, e Protonotário Apostólico, elevado, a 9 de Março de 1918, pelo breve "Venerabilis Frater", foi, a final, em 1921, escolhido para 1.º bispo da diocese de Pelotas, por S. Santidade o Papa Bento XV, tendo sido sagrado na antiga Catedral de Fortaleza, por S. Excia. Revdma. o Sr. Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, com assistência dos Exmos. e Revdmos. bispos das dioceses de Sobral e Crato, Dom José Tupinambá da Frota e D. Quintino Rodrigues de Oliveira.

Era grande latinista, e as suas cartas pastorais são monumentos de estilo e erudição.

Dom Joaquim pertencia à classe de sócios honorários do Instituto, eleito a 5 de Maio de 1919, e mantinha estreita correspondência com esta associação, honrando-a com a oferta da sua fotografia — a última tirada — a 22 de Fevereiro, acompanhada de expressiva carta, na qual pôs, mais uma vez, à prova o seu acendrado amor ao Ceará.

ANTÔNIO SALES. — Nascido em Trairí, a 13 de Junho de 1868, iniciou a vida em Fortaleza, como auxiliar do comércio, caixeiro da "Livraria Gualter", e, depois, empregado da Intendência de Socorros Públicos, passando a amanuense da Seção de Estatística, diretor da secretaria da Assembléia Legislativa, secretário da Estatística e tendo sido eleito deputado estadual para a legislatura de 1893-1896. Exerceu ainda as funções de secretário do interior, no governo do Estado, aposentando-se como funcionário da fazenda federal.

No Rio-de-Janeiro, para onde transferiu residência e onde viveu longos anos, no convívio das maiores expressões culturais do País, como Machado de Assiz, João Ribeiro, Raimundo Correia, Bilac, etc., Antônio Sales tornou-se, mercê da publicação de trabalhos literários de valor, um dos expoentes da literatura, já levando entretanto do Ceará um nome aureolado de jornalista e escritor.

Em Fortaleza foi a alma operosa da fundação da famosa "Padaria Espiritual", a que presidiu, como "padeiro-

-mor", sob o nome simbólico de *Moacir Jurema*, dirigindo, com superioridade, o seu orgão de imprensa, "O Pão". Tinha sido antes um dos fundadores da excelente revista "A Avenida".

A sua bagagem literária é constituida dos seguintes livros: "Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual", "Versos Diversos" (poesia), "A política é a mesma" (peça teatral), "Trovas do Norte", "Poesias" (edição definitiva), "Aves de Arribação" (romance), "Minha Terra" (versos cearenses), "As leituras" (conferência), "Pânteon" (versos), "Matapau" (comédia), e "Retratos e Lembranças" (reminiscências), e de inúmeros trabalhos divulgados na *Revista Brasileira*, *"Kosmos"*, *Almanaque Garnier*, *Dicionário do Centenário*, *O Ceará*, *Revista da Academia Cearense de Letras* e noutros periódicos, principalmente na imprensa do Rio, de que foi ativo colaborador. Deixou inéditos: "Estrada de Damasco" (romance), "Pensando, Sorrindo, Cantando" (pensamentos, epigramas e cantigas), "Contas sem Fio" (artigos de imprensa), "Fora do sério" (versos humorísticos), "Fábulas Brasileiras", "Aguas Passadas" (versos), "Conceitos e Apólogos", "Louvor e Defesa do Ceará".

Traduziu do italiano a obra prima de Manzoni, "I Promessi Sposi"; do inglês, "Jess", de Ridder Hagard, e do francês, "París", de Emílio Zola.

Foi presidente efetivo e, ao morrer, era presidente de honra, da Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira N.° 20, de que é patrono José de Alencar. Sócio correspondente do Instituto, eleito a 4 de Março de 1933.

Os seus funerais foram feitos às expensas do Estado, que lhe adquiriu, *post mortem*, a biblioteca, por sugestão da Academia.